



# A Economia Brasileira

## Nível de atividade

A economia brasileira apresentou menor dinamismo em 2012, embora com intensificação do ritmo de crescimento ao longo do ano. Nesse contexto, o PIB aumentou 0,9% em 2012, ante 2,7% em 2011 e 7,5% em 2010.

A demanda doméstica seguiu como o principal suporte da economia, notadamente o consumo das famílias, favorecido pela expansão, ainda que moderada, do crédito, e pelo desempenho do mercado de trabalho. A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), refletindo o impacto das incertezas no cenário externo sobre a confiança dos empresários, registrou retração no ano. O setor externo, após seis resultados negativos em sequência, exerceu contribuição positiva para o PIB em 2012, reversão compatível com o estreitamento da diferença entre os crescimentos das exportações e importações.

Pelo lado da oferta, destaquem-se a retração no setor agropecuário, influenciada pelas quebras de safras importantes, principalmente no primeiro trimestre do ano, e a contração no setor industrial, a despeito de recuperação gradual observada nos dois últimos trimestres do ano. A expansão no setor de serviços configurou-se como a principal contribuição para o crescimento do PIB.

## Produto Interno Bruto (PIB)

O PIB cresceu 0,9% em 2012, segundo as Contas Nacionais Trimestrais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registrando-se, pela ótica da demanda, contribuições de 0,84 p.p. do componente doméstico e de 0,03 p.p. do setor externo. No âmbito da oferta, o setor de serviços cresceu 1,7%, contrastando com os recuos na agropecuária, 2,3%, e na indústria, 0,8%. Em valores correntes, o PIB a preços de mercado atingiu R\$4.402 bilhões.

A evolução do setor agropecuário traduziu, principalmente, o recuo nas safras de soja, arroz, feijão, fumo, laranja e cana-de-açúcar, com impactos relevantes sobre os

resultados do primeiro e último trimestres do ano. O desempenho do setor industrial refletiu as contrações nas indústrias de transformação, 2,5%, e extrativa, 1,1%, enquanto a expansão do setor de serviços foi impulsionada, em especial, pelo desempenho das atividades serviços de informação, 2,9%; administração, educação e saúde públicas, 2,8%; e outros serviços, 1,8%.

**Quadro 1.1 – PIB a preços de mercado**

Ano	A preços de 2012 (R\$ milhões)	Variação real (%)	Deflator implícito (%)	A preços correntes <sup>1/</sup> (US\$ milhões)	População (milhões)	PIB <i>per capita</i>		
						A preços de 2012 (R\$)	Variação real (%)	A preços correntes <sup>1/</sup> (US\$)
1980	1 983 084	9,2	92,1	237 772	118 563	16 726	7,0	2 005
1981	1 898 802	-4,3	100,5	258 553	121 213	15 665	-6,3	2 133
1982	1 914 563	0,8	101,0	271 252	123 885	15 454	-1,3	2 190
1983	1 858 466	-2,9	131,5	189 459	126 573	14 683	-5,0	1 497
1984	1 958 823	5,4	201,7	189 744	129 273	15 153	3,2	1 468
1985	2 112 571	7,8	248,5	211 092	131 978	16 007	5,6	1 599
1986	2 270 803	7,5	149,2	257 812	134 653	16 864	5,4	1 915
1987	2 350 962	3,5	206,2	282 357	137 268	17 127	1,6	2 057
1988	2 349 551	-0,1	628,0	305 707	139 819	16 804	-1,9	2 186
1989	2 423 797	3,2	1 304,4	415 916	142 307	17 032	1,4	2 923
1990	2 318 362	-4,3	2 737,0	469 318	146 593	15 815	-7,1	3 202
1991	2 342 241	1,0	416,7	405 679	149 094	15 710	-0,7	2 721
1992	2 329 509	-0,5	969,0	387 295	151 547	15 372	-2,2	2 556
1993	2 444 232	4,9	1 996,1	429 685	153 986	15 873	3,3	2 790
1994	2 587 290	5,9	2 240,2	543 087	156 431	16 540	4,2	3 472
1995	2 696 572	4,2	93,9	770 350	158 875	16 973	2,6	4 849
1996	2 754 561	2,2	17,1	840 267	161 323	17 075	0,6	5 209
1997	2 847 536	3,4	7,6	871 274	163 780	17 386	1,8	5 320
1998	2 848 542	0,0	4,2	843 986	166 252	17 134	-1,5	5 077
1999	2 855 780	0,3	8,5	586 777	168 754	16 923	-1,2	3 477
2000	2 978 755	4,3	6,2	644 984	171 280	17 391	2,8	3 766
2001	3 017 870	1,3	9,0	553 771	173 808	17 363	-0,2	3 186
2002	3 098 088	2,7	10,6	504 359	176 304	17 572	1,2	2 861
2003	3 133 611	1,1	13,7	553 603	178 741	17 532	-0,2	3 097
2004	3 312 612	5,7	8,0	663 783	181 106	18 291	4,3	3 665
2005	3 417 280	3,2	7,2	882 439	183 383	18 635	1,9	4 812
2006	3 552 503	4,0	6,1	1 088 767	185 564	19 144	2,7	5 867
2007	3 768 900	6,1	5,9	1 366 544	187 642	20 086	4,9	7 283
2008	3 963 812	5,2	8,3	1 650 897	189 613	20 905	4,1	8 707
2009	3 950 743	-0,3	7,2	1 625 636	191 481	20 633	-1,3	8 490
2010	4 248 379	7,5	8,2	2 143 921	193 253	21 984	6,5	11 094
2011	4 364 479	2,7	7,0	2 475 066	194 947	22 388	1,8	12 696
2012	4 402 537	0,9	5,3	2 252 628	196 526	22 402	0,1	11 462

Fonte: IBGE

1/ Estimativa do Banco Central do Brasil, obtida pela divisão do PIB a preços correntes pela taxa média anual de câmbio de compra.

No âmbito da demanda destacaram-se, entre os componentes domésticos, a retração de 4,0% na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), resultado consistente com o recuo na produção de bens de capital, e as expansões do consumo do governo, 3,2%, e das famílias, 3,1%. A contribuição positiva do setor externo refletiu as elevações anuais registradas nas exportações, 0,5%, e nas importações, 0,2%.

#### Quadro 1.2 – Taxas reais de variação do PIB – Ótica do produto

Percentual			
Discriminação	2010	2011	2012
PIB	7,5	2,7	0,9
Setor agropecuário	6,3	3,9	-2,3
Setor industrial	10,4	1,6	-0,8
Extrativa mineral	13,6	3,2	-1,1
Transformação	10,1	0,1	-2,5
Construção	11,6	3,6	1,4
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	8,1	3,8	3,6
Setor serviços	5,5	2,7	1,7
Comércio	10,9	3,4	1,0
Transporte, armazenagem e correio	9,2	2,8	0,5
Serviços de informação	3,7	4,9	2,9
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos	10,0	3,9	0,5
Outros serviços	3,7	2,3	1,8
Atividades imobiliárias e aluguel	1,7	1,4	1,3
Administração, saúde e educação públicas	2,3	2,3	2,8

Fonte: IBGE

#### Quadro 1.3 – Taxas reais de variação do PIB – Ótica da despesa

Percentual			
Discriminação	2010	2011	2012
PIB	7,5	2,7	0,9
Consumo das famílias	6,9	4,1	3,1
Consumo do governo	4,2	1,9	3,2
Formação Bruta de Capital Fixo	21,3	4,7	-4,0
Exportações	11,5	4,5	0,5
Importações	35,8	9,7	0,2

Fonte: IBGE

A análise na margem, considerados dados dessazonalizados, revela aceleração do crescimento do PIB ao longo do ano, embora em ritmo menos intenso do que se antecipava. No primeiro trimestre do ano, o PIB expandiu 0,1%, refletindo, em parte, a contribuição negativa do setor agropecuário, influenciada por significativas quebras de safra nas culturas de soja, arroz e fumo. Nos trimestres subsequentes, o ritmo de crescimento do agregado registrou trajetória crescente, expressa em variações respectivas de 0,3%, 0,4% e 0,6%.

O desempenho do PIB no primeiro trimestre revela, sob a ótica da oferta, em relação ao quarto trimestre do ano anterior, segundo dados dessazonalizados, variações respectivas de -7,6%, 1,2% e 0,6% no setor agropecuário, na indústria e nos serviços, ressaltando-se que o crescimento do setor industrial sucedeu dois recuos trimestrais consecutivos.

Pela ótica da demanda, ocorreram expansões nos consumos do governo, 1,5%, e das famílias, e 0,9%, contrastando com a retração de 2,2% na FBCF. No âmbito externo, importações e exportações aumentaram 0,8%.

No segundo trimestre, o PIB expandiu 0,3%. A análise sob a ótica da produção revela variações trimestrais respectivas de 5,8%, -2,2% e 0,5% nos segmentos agropecuária, indústria e serviços. No âmbito da demanda, ocorreram variações respectivas de 1,2%, 0,7% e -0,9% no consumo do governo, no consumo das famílias e na FBCF. O setor externo, refletindo recuos de 0,3% nas importações e de 3,5% nas exportações, contribuiu negativamente para a evolução do PIB no trimestre.

**Quadro 1.4 – PIB – Variação trimestre/trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal**

Discriminação	2012			
	I	II	III	IV
PIB a preço de mercado	0,1	0,3	0,4	0,6
Ótica do produto				
Agropecuária	-7,6	5,8	2,1	-5,2
Indústria	1,2	-2,2	0,8	0,4
Serviços	0,6	0,5	-0,0	1,1
Ótica da despesa				
Consumo das famílias	0,9	0,7	1,0	1,2
Consumo do governo	1,5	1,2	0,0	0,8
Formação Bruta de Capital Fixo	-2,2	-0,9	-1,9	0,5
Exportações	0,8	-3,5	0,3	4,5
Importações	0,8	-0,3	-7,5	8,1

Fonte: IBGE

O PIB aumentou 0,4% no trimestre encerrado em setembro, em relação ao finalizado em junho, resultado de expansões, sob a ótica da produção, de 2,1% na agropecuária e de 0,8% na indústria, e de estabilidade no setor de serviços. Em relação ao componente doméstico da demanda, destaque-se o recuo de 1,9% na FBCF, quarto resultado negativo em sequência, nessa base de comparação, e a elevação de 1,0% no consumo das famílias. No âmbito do setor externo, as exportações cresceram 0,3% e as importações recuaram 7,5%, essas refletindo, em grande medida, a redução no *quantum* de combustíveis, decorrente da alteração na sistemática de registro das importações de petróleo e derivados ocorrida em julho deste ano.

Confirmando a trajetória de recuperação gradual ao longo do ano, o PIB cresceu 0,6% no último trimestre do ano, em relação ao trimestre imediatamente anterior. Sob a ótica da produção, ocorreram crescimentos trimestrais de 1,1% nos serviços e de 0,4% na indústria, e recuo de 5,2% na agropecuária. Em relação ao componente doméstico da demanda, destaquem-se as elevações de 1,2% no consumo das famílias e de 0,5% na FBCF, essa, a primeira variação trimestral positiva após quatro trimestres. No âmbito do setor externo, as exportações e importações cresceram 4,5% e 8,1% respectivamente.

#### Quadro 1.5 – PIB – Valor corrente, por componente

Em R\$ milhões

Discriminação	2009	2010	2011	2012
Produto Interno Bruto a preços de mercado	3 239 404	3 770 085	4 143 013	4 402 537
Ótica do produto				
Setor agropecuário	157 232	171 177	192 653	196 119
Setor industrial	749 699	905 852	972 156	983 395
Setor serviços	1 887 448	2 150 151	2 366 062	2 561 241
Ótica da despesa				
Consumo final	2 666 752	3 045 956	3 356 136	3 688 995
Consumo das famílias	1 979 751	2 248 624	2 499 489	2 744 452
Consumo da administração pública	687 001	797 332	856 647	944 543
Formação Bruta de Capital	577 846	763 012	817 261	776 465
Formação Bruta de Capital Fixo	585 317	733 712	798 720	798 695
Variação de estoques	-7 471	29 300	18 540	-22 230
Exportação de bens e serviços	355 653	409 868	492 570	552 843
Importação de bens e serviços (-)	360 847	448 752	522 953	615 765

Fonte: IBGE

## IBC-BR

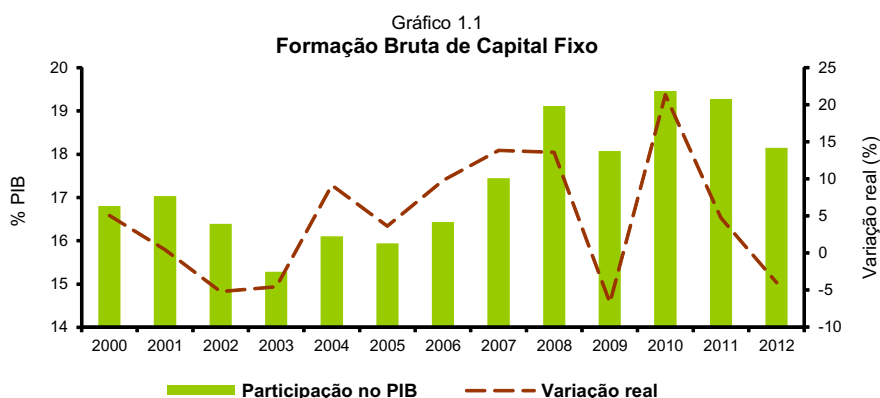
O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br), indicador de periodicidade mensal, disponível a partir de janeiro de 2003, incorpora a trajetória de variáveis consideradas como proxies para o desempenho da economia<sup>1</sup>. Seu cálculo considera a produção estimada para os três setores da economia – agropecuária, indústria e serviços – acrescida dos impostos sobre produtos, por sua vez estimados a partir da evolução da oferta total (produção mais importações). A aderência do indicador à evolução do PIB ratifica a importância de seu acompanhamento para melhor compreensão da atividade econômica, contribuindo, portanto, para a elaboração da estratégia de política monetária.

1/ Para mais detalhes sobre a metodologia do IBC-Br veja o box “Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br)” no Relatório de Inflação de março de 2010.

O IBC-Br cresceu 0,6% em 2012, ante 3,3% no ano anterior. A análise na margem, considerados dados dessazonalizados, revela retração de 0,5% no primeiro trimestre de 2012, seguida de três elevações consecutivas, 0,3%, 0,8% e 0,5%, nos trimestres posteriores.

## Investimentos

Os investimentos, excluídas as variações de estoques, registraram contração anual de 4,0% em 2012, de acordo com as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE. Saliente-se que esse componente havia registrado, nos dois anos anteriores, crescimento superior ao do PIB.



Fonte: IBGE

A absorção de bens de capital diminuiu 9,7% no ano, resultado de variações respectivas de -11,8%, 2,4% e 0,2% na produção, exportação e importação desses bens. A retração da produção decorreu de recuos em todos os segmentos, quando considerada a finalidade dos bens de capital, exceto no relativo a itens de uso agrícola, que cresceu 3,5% em 2012.

A produção de insumos típicos da construção civil aumentou 1,4% em 2012, ante 11,9% e 4% nos dois anos anteriores. O desempenho dessa indústria é consistente com a evolução do saldo da carteira de crédito para financiamento imobiliário nos últimos três anos.

Os desembolsos do sistema BNDES – BNDES, Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpar) – totalizaram R\$156 bilhões em 2012, expandindo-se 12,3% no ano. A análise por setores revela que os desembolsos à agropecuária aumentaram 16,4%, seguindo-se as elevações nos recursos destinados à indústria de transformação, 13,9%, e ao setor comércio e serviços, 13,7%, segmentos que detiveram, na ordem, 7,3%, 29,4% e 62,1% do total dos desembolsos em 2012.

### Quadro 1.6 – Formação Bruta de Capital (FBC)

Percentual						
Ano	Participação na FBC				A preços correntes	
	Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)			Variação de estoques	FBCF/PIB	FBC/PIB
	Construção civil	Máquinas e equipamentos	Outros			
1995	44,5	48,9	8,3	-1,6	18,3	18,0
1996	48,2	43,5	7,3	1,0	16,9	17,0
1997	49,5	43,1	7,0	0,3	17,4	17,4
1998	51,9	40,8	6,9	0,3	17,0	17,0
1999	50,6	37,2	7,8	4,4	15,7	16,4
2000	45,7	39,3	7,1	7,9	16,8	18,3
2001	43,9	43,3	7,3	5,5	17,0	18,0
2002	47,8	44,8	8,5	-1,2	16,4	16,2
2003	42,8	45,3	8,7	3,1	15,3	15,8
2004	41,1	45,0	7,9	6,0	16,1	17,1
2005	41,6	49,0	7,7	1,6	15,9	16,2
2006	39,6	50,6	7,8	1,9	16,4	16,8
2007	36,5	51,5	7,2	4,8	17,4	18,3
2008	33,5	52,4	6,5	7,6	19,1	20,7
2009	42,8	50,8	7,7	-1,3	18,1	17,8
2010	39,1	50,5	6,6	3,8	19,5	20,2
2011	40,4	51,2	6,1	2,3	19,3	19,7
2012	45,0	51,2	6,7	-2,9	18,1	17,6

Fonte: IBGE

### Quadro 1.7 – Produção de bens de capital selecionados

Discriminação	Participação percentual <sup>1/</sup>	Variação percentual		
		2010	2011	2012
Bens de capital	100,0	20,9	3,2	-11,8
Industrial	24,6	22,1	3,8	-4,1
Seriados	16,8	27,3	2,8	-3,7
Não seriados	7,9	-0,5	8,9	-6,5
Agrícolas	9,7	31,7	-4,4	3,5
Peças agrícolas	1,5	13,9	10,6	-26,4
Construção	3,4	95,8	5,6	-23,1
Energia elétrica	5,5	-3,8	-11,1	-11,6
Transportes	26,0	26,0	12,4	-13,5
Misto	29,2	13,4	-4,5	-11,6

Fonte: IBGE

1/ Corresponde à participação estimada para 2003.

### Quadro 1.8 – Desembolsos do Sistema BNDES<sup>1/</sup>

Em R\$ milhões

Discriminação	2010	2011	2012
Total	168 423	138 873	155 992
Por setor			
Indústria de transformação	77 255	40 270	45 861
Comércio e serviços	79 528	85 265	96 944
Agropecuária	10 126	9 759	11 362
Indústria extrativa	1 514	3 579	1 825

Fonte: BNDES

1/ Compreende o BNDES, a Finame e o BNDESpar.

A Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), utilizada como indexador de financiamentos contratados junto ao sistema BNDES, após ser mantida em 6% a.a. até junho, foi reduzida para 5,5% a.a, patamar em que permaneceu até dezembro.

## Indicadores da produção industrial

A produção física da indústria recuou 2,6% em 2012, segundo a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física – Brasil (PIM-PF) do IBGE, após expansões anuais de 0,4% em 2011 e de 10,5% em 2010. O desempenho da indústria, resultante de declínios de 2,7% na indústria de transformação e de 0,4% na indústria extrativa, refletiu as retrações respectivas de 1% e 0,9% registradas nos dois primeiros trimestres do ano e os aumentos de 1,5% e 0,1% nos dois trimestres seguintes, considerados dados dessazonalizados.

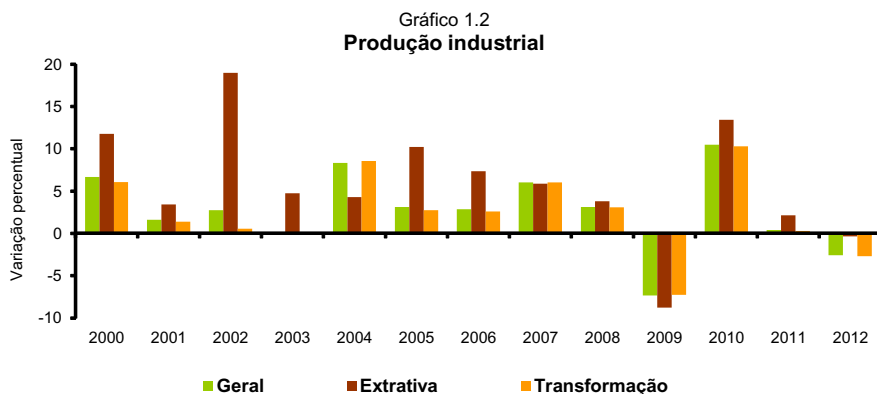
### Quadro 1.9 – Produção industrial

Discriminação	Variação percentual		
	2010	2011	2012
Total	10,5	0,4	-2,6
Por categorias de uso			
Bens de capital	20,9	3,2	-11,8
Bens intermediários	11,4	0,3	-1,6
Bens de consumo	6,4	-0,4	-0,8
Duráveis	10,3	-2,0	-3,4
Semi e não duráveis	5,3	0,1	0,0

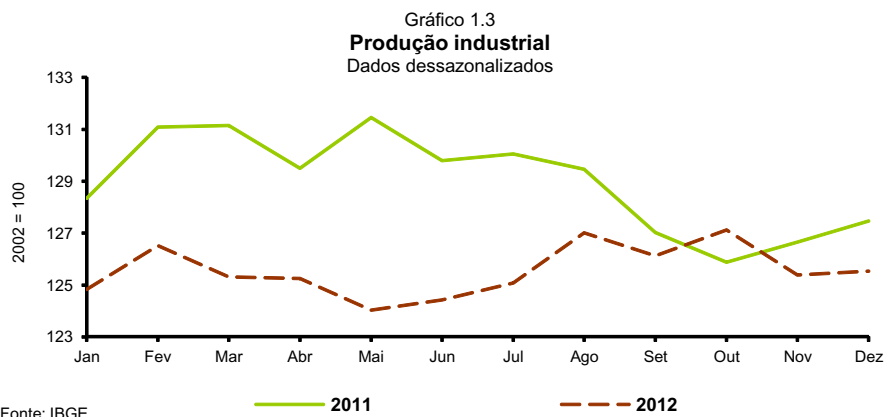
Fonte: IBGE



A abertura por categorias de uso revela que a indústria de bens de capital recuou 11,8% em 2012, destacando-se os declínios nas atividades veículos automotores, 29,4%; máquinas para escritórios e equipamentos de informática, 17,4%; e material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 14%. A produção de bens intermediários decresceu 1,6%, influenciada, principalmente, pelos recuos nas atividades veículos automotores, 14,1%; têxtil, 5,9%; e metalurgia básica, 4,1%.

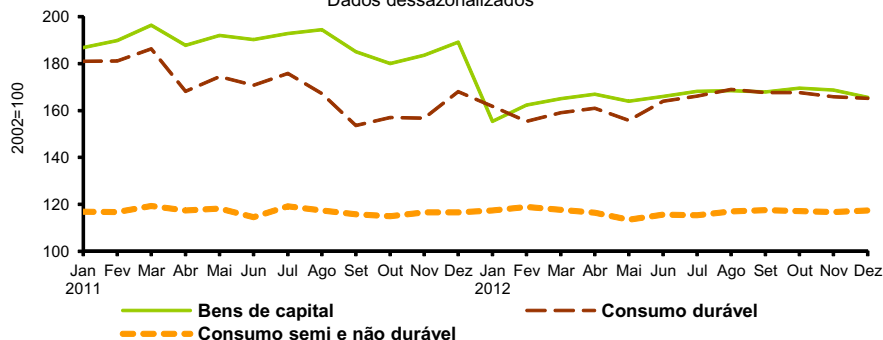


A indústria de bens de consumo duráveis retraiu 3,4% no ano, ressaltando-se os desempenhos negativos das atividades outros equipamentos de transporte, 20,8%; material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 13,6%; e veículos automotores, 1,1%.



A produção de bens de consumo semi e não duráveis manteve-se estável em 2012, destacando-se os aumentos nas atividades refino de petróleo e produção de álcool, 7,9%; e sabões, detergentes e artigos de perfumaria, 3,1%, e as retrações nas indústrias de vestuário, 10,4%; e fumo, 5,5%.

Gráfico 1.4  
**Produção industrial – Por categoria de uso**  
 Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Ocorreram retrações anuais na produção de 17 dos 27 segmentos industriais considerados, com ênfase nas relativas a veículos automotores, 13,6%; e máquinas para escritórios e equipamentos de informática e material eletrônico, e aparelhos e equipamentos de comunicações, ambas de 13,5%. Em sentido inverso, destacaram-se os desempenhos das indústrias de madeira, 8,8%; outros equipamentos de transporte, 8,5%; e refino de petróleo e produção de álcool, 4,9%. A produção de alimentos, atividade de maior peso na indústria, recuou 1,3% em 2012.

A produção industrial decresceu em nove das treze unidades federativas pesquisadas pelo IBGE, com destaque para os declínios experimentados pelas indústrias do Amazonas, 7%; Espírito Santo, 6,3%; e Paraná, 4,8%. Em oposição, ocorreram aumentos significativos na Bahia, 4,2%, e Goiás, 3,8%. A indústria de São Paulo, com maior participação na indústria nacional, recuou 3,8% em 2012.

O nível de utilização da capacidade instalada (Nuci) da indústria atingiu 84,1% ao final de 2012, ante 83,4% em dezembro do ano anterior. O Nuci médio da indústria decresceu 0,1 p.p. no ano, para 83,9%.

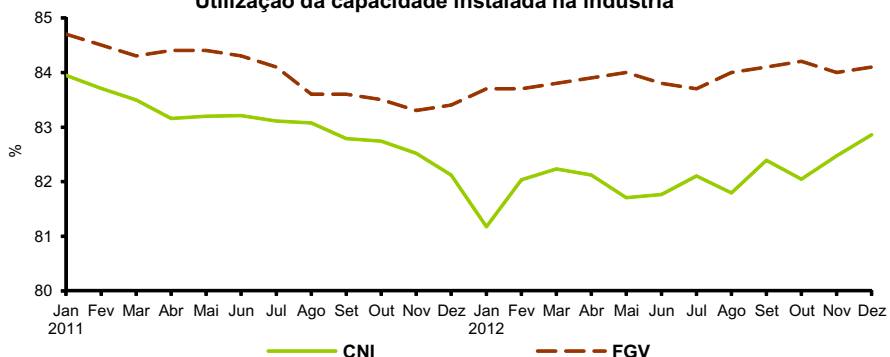
#### Quadro 1.10 – Utilização da capacidade instalada na indústria<sup>1/</sup>

Discriminação	2010	2011	2012
Indústria de transformação	84,8	84,0	83,9
Bens de consumo finais	85,4	83,2	84,4
Bens de capital	83,4	84,4	82,2
Materiais de construção	90,1	89,1	87,5
Bens de consumo intermediários	85,8	85,5	84,9

Fonte: FGV

1/ Média do ano.

Gráfico 1.5  
Utilização da capacidade instalada na indústria



Fontes: CNI e FGV

O pessoal ocupado assalariado na indústria decresceu 1,4% em 2012, em relação ao ano anterior, registrando retração até o mês de junho e relativa estabilidade nos meses subsequentes.

A confiança dos empresários industriais, após recuar em 2011, recuperou-se ao longo de 2012, atingindo o nível mais elevado em dezembro. O Índice de Confiança da Indústria (ICI), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), cresceu até maio, recuou em junho e julho, e voltou a apresentar tendência crescente nos cinco meses finais de 2012, encerrando o ano em 106,4 pontos, 4,6 pontos acima do registrado em dezembro de 2011. Os componentes situação atual e expectativas atingiram, na ordem, 106,5 pontos e 106,2 pontos, elevações respectivas de 4,1 e 5,1 pontos em relação a dezembro de 2011.

O Índice de Confiança da Construção (ICST), medido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), decresceu 6,9% no ano, evolução decorrente de recuos respectivos de 8,1% e 5,7% no Índice de Situação atual e no Índice de Expectativas. Ocorreram recuos nos seis segmentos do indicador, sobressaindo-se os relacionados a obras de infraestrutura para engenharia elétrica e para telecomunicações, 12,7%; obras de instalações, 6,8%; e construção de edifícios, 6,7%.

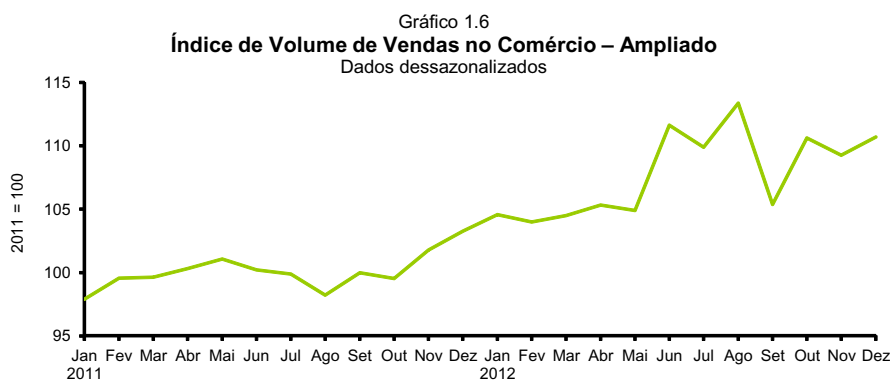
## Serviços

O Índice de Confiança de Serviços (ICS), da FGV, que reflete a confiança do empresariado do setor, decresceu 4,9% em 2012, segunda retração anual consecutiva. O resultado decorreu de reduções de 8% no componente relativo à situação atual (ISA-S) e de 2,5% no indicador de expectativas (IE-S). Ressalte-se que o indicador registrou patamar médio de 124,7 pontos em 2012, acima da linha de indiferença de 100 pontos, sinalizando expectativas favoráveis em relação à confiança das empresas do setor.

O Índice de Gerentes de Compras (PMI-Serviços)<sup>2</sup>, relacionado ao quesito atividade de negócios, atingiu média de 52,4 pontos em 2012, ante 53 pontos no ano anterior, sugerindo a continuidade do dinamismo do setor, mas em ritmo inferior ao observado em anos anteriores.

## Indicadores de comércio

Os indicadores da atividade varejista, evidenciando a continuidade das condições favoráveis nos mercados de trabalho e de crédito, registraram evolução positiva em 2012. Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE, o Índice de Volume de Vendas no Comércio Ampliado aumentou 8% em 2012, após crescimento de 6,6% em 2011, ocorrendo elevações das vendas tanto nos segmentos cujos desempenhos estão mais relacionados às condições de crédito e quanto naqueles mais sensíveis às condições de renda pessoal. Considerado o conceito restrito, que exclui os segmentos automobilístico e de material de construção, as vendas aumentaram 8,4% em 2012, ante 6,7% em 2011, com ênfase nas expansões nos segmentos móveis e eletrodomésticos, 12,2%; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, perfumaria e cosméticos, 10,3%; outros artigos de uso pessoal e doméstico, 9,3%; e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 8,5%.



Fonte: IBGE

As vendas do comércio ampliado elevaram-se nas cinco regiões do país, com destaque para os aumentos de 10,2% no Nordeste e Centro-Oeste, seguindo-se os registrados no Norte, 8,1%; Sudeste, 8,1% e Sul, 7,9%. A análise por unidades da Federação revela que o crescimento foi generalizado no ano, com ênfase nos desempenhos observados

2/ O indicador, calculado pela Markit e divulgado pelo Hong Kong and Shanghai Banking Corporation (HSBC), é construído com base em respostas mensais enviadas por executivos de cerca de 400 empresas privadas do setor de serviços, com painel selecionado de forma a replicar a real estrutura do setor, cobrindo as atividades de transporte e comunicação, intermediação financeira, serviços empresariais, serviços pessoais, informática e tecnologia da informação, e hotéis e restaurantes. Valores acima de 50 representam crescimento da atividade.

em Roraima, 17,8%; Tocantins, 15,7%; Mato Grosso, 14,3%; Alagoas, 13%; Pará, 11,9%, e Amapá, 12,1%. Os crescimentos mais modestos ocorreram no Amazonas, 1,6%, Espírito Santo, 2,9%, e Rio de Janeiro, 4,1%.

A Receita Nominal de Vendas do Comércio Ampliado aumentou 9,5% em 2012, com crescimentos de 8,0% no volume de vendas e de 1,3% nos preços. Todos os segmentos, exceto equipamento e material para escritório, informática, e comunicação, apresentaram taxas de crescimento da receita nominal superiores à inflação anual, de 5,8%, registrada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do IBGE, destacando-se as relativas a hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 15,8%; artigo farmacêutico, médico, ortopédico e de perfumaria, 12,9%; outros artigos de uso pessoal e doméstico, 12%; material de construção, 10,1% e móveis e eletrodomésticos, 8,8%.

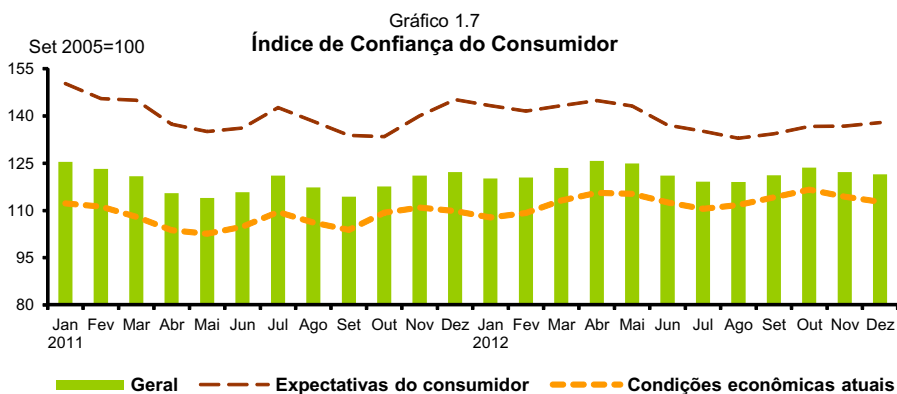
As vendas do setor automobilístico, favorecidas pelas medidas de estímulo fiscal anunciadas em maio de 2012, apresentaram desempenho superior ao do ano anterior. As vendas nas concessionárias de automóveis e comerciais leves aumentaram 4,9%, de acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrade), e as relativas a autoveículos nacionais no mercado interno, divulgadas pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), cresceram 8,3%, ante recuo de 2,8% em 2011.

As vendas reais do setor supermercadista, segmento com peso aproximado de 29% na PMC, aumentaram 5,2% no ano, de acordo com a Associação Brasileira de Supermercados (Abras), ante crescimentos respectivos de 3,7% e 4,2% nos dois anos anteriores.

Os indicadores de inadimplência mantiveram-se, em 2012, em patamares semelhantes aos do ano anterior. A relação entre o número de cheques devolvidos por insuficiência de fundos e o total de cheques compensados atingiu, em média, 6,3%, ante 6% em 2011. Por região, as maiores taxas continuaram ocorrendo no Nordeste e no Norte, 9,6%, ante 9,3% e 9,2%, respectivamente, em 2011. A inadimplência na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), medida pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP) atingiu, em média 5,2% em 2012, ante 5,7% no ano anterior.

Os indicadores de expectativas dos consumidores seguiram em trajetória crescente em 2012. Nesse sentido, o Índice Nacional de Confiança (INC), elaborado pela Ipsos Public Affairs para a ACSP, cresceu 5,3% no ano, ante 2,5% em 2011. Regionalmente, a confiança do consumidor aumentou nas regiões Nordeste, 6,5%; Sudeste, 6,4%; e Sul, 3,3%, e recuou 1,4% na região Norte/Centro-Oeste.

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), da FGV, cresceu 2,4% em 2012, ante 0,6% no ano anterior, em 2011, resultado de variações de 4,8% no Índice de Expectativas (IE) e -1% no Índice da Situação Atual (ISA).



Fonte: FGV

Em linha com os indicadores nacionais, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio SP), aumentou 3,4% em 2012, ante recuo de 2,1% em 2011, registrando-se crescimentos de 4,1% no Índice de Condições Econômicas Atuais (Icea) e de 3% no Índice de Expectativas do Consumidor (IEC), que representa 60% do índice geral.

O Índice de Confiança do Comércio (ICOM), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que avalia a confiança dos empresários do comércio, recuou 2,4% em 2012, resultado de retrações de 1,6% no Índice de Situação Atual (ISA-COM) e de 3% no Índice de Expectativas (IE-COM). Os segmentos veículos, motos e peças, e atacadista registraram desempenho mais favorável, contrastando com a retração na confiança dos empresários de setor material de construção.

## Indicadores de produção agropecuária

A safra de cereais, leguminosas e oleaginosas totalizou 161,9 milhões de toneladas em 2012, de acordo com o IBGE, ressaltando-se que a elevação anual de 1,1% decorreu de aumentos respectivos de 0,3% e 0,8% na área colhida e na produtividade média. As culturas de arroz, milho e soja responderam por 91,7% da safra de grãos de 2012, que esteve concentrada em Mato Grosso, 25% do total; Paraná, 19,1%, e Rio Grande do Sul, 11,8%.

A produção de soja somou 65,7 milhões de toneladas em 2012. O recuo anual de 12,3% refletiu os efeitos da intensa estiagem e das temperaturas elevadas registradas na época do desenvolvimento e da colheita da oleaginosa, em especial na região Sul. Nesse cenário, a produtividade média decresceu 15,5% e a área colhida aumentou 3,7%, no ano.

### Quadro 1.11 – Produção agrícola – Principais culturas

Milhões de toneladas

Produtos	2011	2012
Grãos	160,1	161,9
Caroço de algodão	3,1	3,0
Arroz (em casca)	13,4	11,4
Feijão	3,5	2,8
Milho	56,3	71,3
Soja	74,9	65,7
Trigo	5,7	4,4
Outros	3,2	3,3
Varição da safra de grãos (%)	7,0	1,1
Outras culturas		
Banana	7,1	6,9
Batata-inglesa	3,9	3,5
Cacau (amêndoas)	0,3	0,3
Café (beneficiado)	2,7	3,1
Cana-de-açúcar	715,1	670,8
Fumo (em folhas)	0,9	0,8
Laranja	19,8	19,1
Mandioca	25,3	23,4
Tomate	4,4	3,7

Fonte: IBGE

A safra de arroz atingiu 11,4 milhões de toneladas. A retração anual de 15,3%, resultante de decréscimos de 1,8% na produtividade média e de 13,7% na área colhida, derivou, em especial, da escassez de chuvas na região Sul, que prejudicou a semeadura do cereal no Rio Grande do Sul.

A cultura de milho cresceu 26,7% no ano, totalizando 71,3 milhões de toneladas, reflexo de aumentos de 18% na produtividade média e de 7,4% na área colhida. A primeira safra atingiu 33,2 milhões de toneladas e a segunda, 38,1 milhões de toneladas,

### Quadro 1.12 – Produção agrícola, área colhida e rendimento médio – Principais culturas

Varição percentual

Produtos	Produção		Área		Rendimento médio	
	2011	2012	2011	2012	2011	2012
Grãos	7,0	1,1	4,6	0,3	2,3	0,8
Algodão (caroço)	72,7	-1,8	70,2	-1,5	1,4	-0,3
Arroz (em casca)	18,9	-15,3	1,4	-13,7	17,2	-1,8
Feijão	9,3	-19,4	6,4	-25,9	2,8	8,8
Milho	0,4	26,7	3,4	7,4	-2,9	18,0
Soja	9,4	-12,3	3,3	3,7	5,9	-15,5
Trigo	-5,6	-23,1	-1,9	-11,5	-3,9	-13,1

Fonte: IBGE

registrando variações anuais respectivas de -2,8% e 72,3%. A safra de Mato Grosso cresceu 101,5% no ano.

A produção de feijão somou 2,8 milhões de toneladas. O recuo anual de 19,4% decorreu de variações de 8,8% no rendimento médio e -25,9% na área colhida. Ressalte-se que a primeira safra foi impactada pela estiagem nas regiões Sul e Nordeste, a segunda apresentou relativa estabilidade e a terceira registrou aumentos respectivos de 11,3% e 13,5% na produção e na área colhida.

A produção de caroço de algodão herbáceo decresceu 1,8% no ano, para 3 milhões de toneladas. Evidenciando problemas climáticos no Nordeste e no Sul, ocorreram contrações anuais de 0,3% no rendimento médio e de 1,5% na área colhida.

A produção de trigo atingiu 4,4 milhões de toneladas, recuo anual de 23,1% decorrente de decréscimos de 13,1% na produtividade e de 11,5% na área colhida. O desempenho negativo da cultura em 2012 refletiu, em parte, o desestímulo dos produtores diante das cotações reduzidas da *commoditie* na época da semeadura e o impacto das geadas sobre a produção da região Sul.

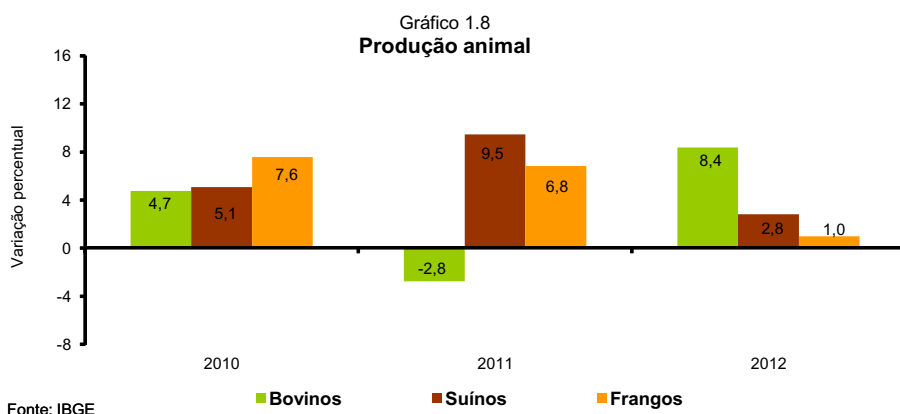
A produção nacional de cana-de-açúcar somou 670,8 milhões de toneladas em 2012. O decréscimo anual de 6,2% refletiu os recuos respectivos de 4,9% e 1,3% na produtividade média e na área colhida.

A produção de café, em ciclo bianual de alta produtividade, atingiu 3,1 milhões de toneladas, aumentando 12,6% em relação a 2011. O resultado decorreu de variações de 14,7% na produtividade média e -1,8% na área colhida.

## Pecuária

De acordo com a pesquisa trimestral de abate de animais, publicada pelo IBGE, as produções de carnes de aves, bovinas e de suínos totalizaram 11,5 milhões, 7,4 milhões e 3,5 milhões de toneladas no ano, com variações anuais respectivas de 1,0%, 8,4% e 2,8%. As exportações dos segmentos mencionados registraram, na ordem, estabilidade e crescimentos de 15,3% e 14,4%, no ano.





## Política Agrícola

O plano agrícola e pecuário 2012/2013, divulgado, em junho, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), disponibilizou linhas de crédito de R\$133,2 bilhões, elevação anual de 8,1%, das quais R\$115,25 bilhões (86,5%) à agricultura comercial e R\$17,95 bilhões (13,5%) à agricultura familiar.

Em relação à agricultura comercial, R\$86,9 bilhões foram destinados a custeio e comercialização, dos quais R\$70,6 bilhões a taxas de juros controlados (5,5% a.a.) e R\$16,4 bilhões a taxas de juros livres, representando expansões anuais respectivas de 8,4%, 10% e 1,9%. Os recursos destinados a investimentos aumentaram 4,8%, para R\$28,3 bilhões, dos quais R\$20 bilhões no âmbito do BNDES e Banco do Brasil.

## Produtividade

A produtividade do trabalho industrial, definida como a razão entre o índice de produção física do setor e o indicador do número de horas pagas ao pessoal ocupado assalariado na produção fabril, ambos divulgados pelo IBGE, diminuiu 0,7% em 2012, ante as variações respectivas de 0,1% e 6,1% nos dois anos anteriores. Ocorreram recuos de 0,7% na produtividade da indústria de transformação e de 4,1% na indústria extrativa. Dentre os setores pesquisados, ressaltem-se os acréscimos de produtividade nas atividades madeira, 18,7%; coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool, 5,6%; e calçados e couro, 3,0%, contrastando com as reduções nas atividades máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações, 7,8%; fabricação de meios de transporte, 7,6%; e fumo, 7,2%.

Por região, a produtividade do trabalho industrial recuou em seis das dez unidades federativas pesquisadas pelo IBGE, destacando-se os recuos observados no Paraná, 5,7%; Espírito Santo, 3,6%; e Rio de Janeiro, 3,5%, em oposição aos aumentos registrados na Bahia, 8,8%; Pernambuco, 5%; e Ceará, 0,6%.

A produtividade média do setor agrícola, estimada pela razão entre a produção de grãos e a área colhida, aumentou 0,8% em 2012. A produção nacional de fertilizantes agrícolas decresceu 1,4%, de acordo com a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), as respectivas importações recuaram 1,7% e a demanda total por fertilizantes agrícolas cresceu 4,3%. As vendas de máquinas agrícolas no mercado interno expandiram-se 6,7% no ano, de acordo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), enquanto, em relação aos maquinários diretamente ligados ao setor agropecuário, ocorreram aumentos respectivos de 16,6%, 7,2% e 3,1% nas vendas de colheitadeiras, tratores de rodas, e cultivadores motorizados.

## Energia

A produção de petróleo, incluindo líquidos de gás natural (LGN), recuou 2% no ano, ante aumento de 2,6% em 2011, de acordo com a Agência Nacional de Petróleo (ANP). A produção média atingiu 2,149 milhões de barris/dia (mbd), ante 2,193 mbd em 2011, registrando o maior patamar em janeiro, 2,316 mbd, e o menor em setembro, 2,006 mbd. A produção de gás natural aumentou 7% em 2012, atingindo a média de 0,444 mbd.

O total de óleo processado nas refinarias aumentou 3,6% em 2012, atingindo 1,896 mbd. As importações de petróleo decresceram 6,4% no ano, para 0,311 mbd, e as exportações recuaram 9,4%, situando-se em 0,548 mbd.

O consumo de derivados de petróleo aumentou 8,4% no mercado interno em 2012, resultado de elevações nas vendas de gasolina, 16,9%; óleo combustível, 6,8%; óleo

### Quadro 1.13 – Consumo aparente de derivados de petróleo e álcool carburante

Média diária (1.000 b/d)

Discriminação	2010	2011	2012
Petróleo	1 651	1 774	1 923
Óleos combustíveis	84	63	68
Gasolina	392	467	546
Óleo diesel	848	901	961
Gás liquefeito	216	222	222
Demais derivados	109	121	127
Álcool carburante	381	333	306
Anidro	122	145	136
Hidratado	259	188	169

Fonte: ANP

diesel, 6,6%; demais derivados, 4,5%; e gás liquefeito do petróleo (GLP), 0,2%. O consumo de álcool recuou 8,1%, reflexo de decréscimos respectivos de 10,0% e 5,7% nas vendas de álcool hidratado e de álcool anidro.

#### **Quadro 1.14 – Consumo de energia elétrica<sup>1/</sup>**

GWh			
Discriminação	2010	2011	2012
Total	415 683	433 034	448 276
Por setores			
Comercial	69 170	73 482	79 286
Residencial	107 215	111 971	117 567
Industrial	179 478	183 576	183 471
Outros	59 820	64 006	67 952

Fonte: EPE

1/ Não inclui autoprodutores.

O consumo nacional de energia elétrica aumentou 3,5% em 2012, de acordo com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), empresa pública federal vinculada ao Ministério de Minas e Energia (MME). Ocorreram elevações nos segmentos comercial, 7,9%; outros, que inclui iluminação pública, serviços e poderes públicos e o setor rural, 6,2%; e residencial, 5%, contrastando com o recuo de 0,1% no consumo do segmento industrial.

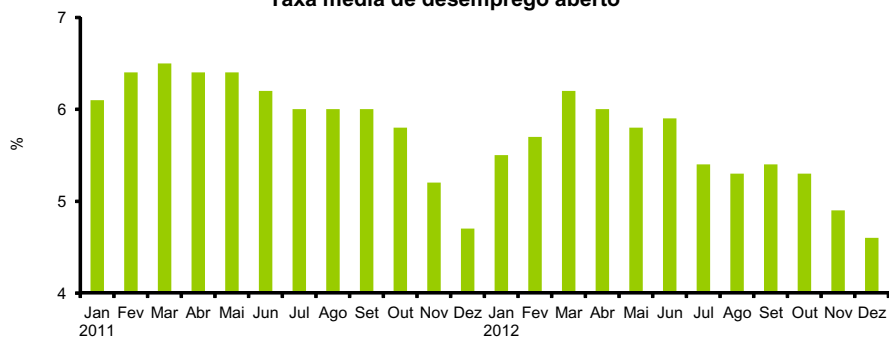
O consumo de energia elétrica cresceu nas cinco regiões geográficas do país, expandindo-se 9% no Centro-Oeste, 4,9% no Sul, 4,7% no Nordeste, 4% no Norte e 2% no Sudeste.

## **Indicadores de emprego**

O mercado de trabalho manteve evolução favorável em 2012, mesmo em ambiente de desaceleração da atividade econômica. Segundo a Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE, que abrange as seis principais regiões metropolitanas, a taxa de desemprego atingiu, em média, 5,5% em 2012, ante 6,0% no ano anterior. Ocorreram elevações de 2,2% na ocupação e de 1,7% na população economicamente ativa (PEA).

De acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) foram criados 868 mil empregos formais em 2012, ante 1,6 milhão no ano anterior, resultando em elevação anual de 3,1% no nível de empregos formais. Destacaram-se os aumentos na indústria extrativa, 7,3%; construção civil, 5,0%; serviços, 4,3%, e no comércio, 3,6%.

Gráfico 1.9  
Taxa média de desemprego aberto



Fonte: IBGE

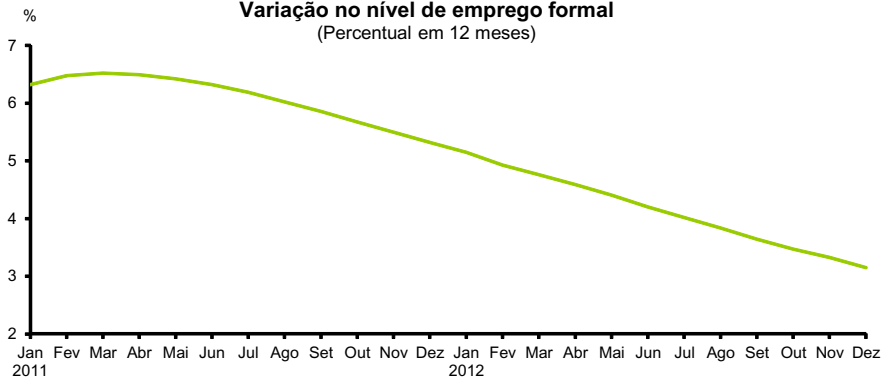
### Quadro 1.15 – Emprego formal – Admissões líquidas

Em mil

Discriminação	2010	2011	2012
<b>Total</b>	<b>2 136,9</b>	<b>1 566,0</b>	<b>868,2</b>
<b>Por setores</b>			
Indústria extrativa mineral	16,3	17,8	9,7
Indústria de transformação	485,0	174,7	33,2
Serviços industriais de utilidade pública	17,9	7,7	8,3
Construção civil	254,2	149,0	70,9
Comércio	519,6	368,6	270,4
Serviços	864,3	786,3	501,5
Administração Pública	5,6	11,5	-1,2
Agropecuária	-25,9	50,5	-24,6

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)

Gráfico 1.10  
Variação no nível de emprego formal  
(Percentual em 12 meses)



## Indicadores de salários e rendimentos

O rendimento médio habitual recebido no trabalho principal registrou crescimento anual de 4,1% nas seis regiões metropolitanas da PME, ante 2,7% em 2011. O rendimento real dos empregados no setor privado cresceu 3,5%, com ênfase nas elevações nas atividades serviços domésticos, 7,6%, construção, 4,6%, e comércio, 4,2%, seguindo-se os aumentos nos segmentos de empregados no setor público, 3,3%, e de autônomos, 6,7%. A massa salarial real, produto do pessoal ocupado pelo rendimento médio real, cresceu 6,3% no ano.

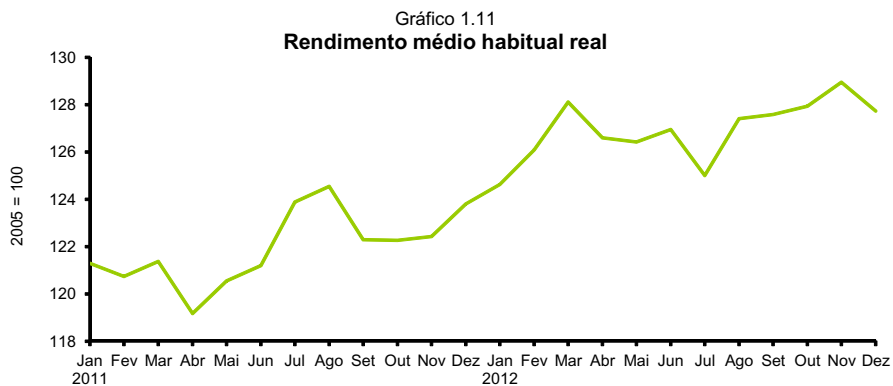
### Quadro 1.16 – Rendimento médio habitual das pessoas ocupadas – 2012

Variação percentual

Discriminação	Nominal	Real <sup>1/</sup>
Ocupação total	9,8	4,1
Empregados	9,8	4,0
Setor privado	9,2	3,5
Com carteira	9,1	3,4
Sem carteira	8,3	2,6
Setor público	9,0	3,3
Conta própria	12,6	6,7
Empregadores	4,3	- 1,2

Fonte: IBGE

1/ Deflacionado pelo INPC. Abrange as regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.



Fonte: IBGE

## Indicadores de preços

Os índices de preços ao consumidor registraram desaceleração em 2012, com ênfase no impacto da relativa estabilidade dos preços da gasolina e da moderação nos reajustes das tarifas de ônibus urbano. Os preços livres registraram elevação similar à de 2011, com a aceleração no grupo alimentação sendo neutralizada pelos menores reajustes

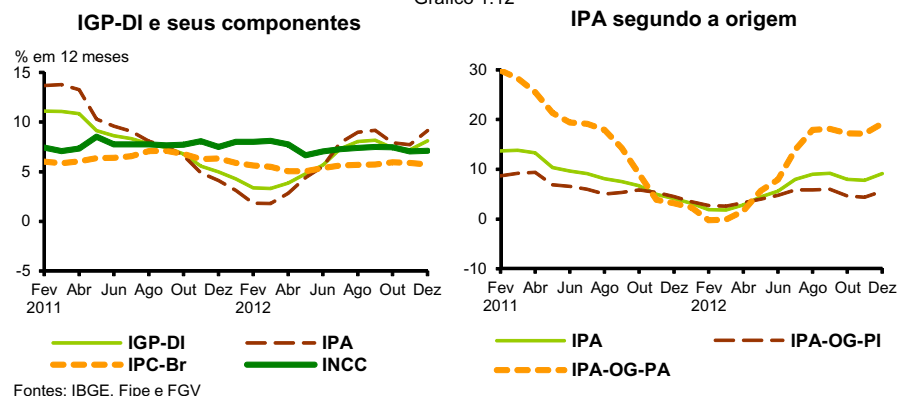
nos itens relacionados à educação e vestuário, e automóvel novo. A variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado pelo IBGE, atingiu 5,84% no ano, situando-se no intervalo estipulado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) no âmbito do regime de metas para a inflação.

## Índices gerais de preços

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), calculado pela FGV, que agrega o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) e o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), com pesos respectivos de 60%, 30% e 10%, variou 8,10% em 2012, ante 5,00% no ano anterior.

O IPA aumentou 9,13% no ano, ante 4,12% em 2011, resultado de variações respectivas de 5,54% e 19,20% nos preços dos produtos industriais e dos produtos agrícolas, que haviam aumentado, na ordem, 4,46% e 3,15%, em 2011. O IPC variou 5,74% e o INCC, 7,12%, ante 6,36% e 7,49%, respectivamente, no ano anterior.

Gráfico 1.12



## Índices de preços ao consumidor

A variação do IPCA, que considera a cesta de consumo de famílias com rendimento mensal entre 1 e 40 salários mínimos, atingiu 5,84% em 2012, ante 6,50% no ano anterior e 5,91% em 2010. O resultado decorreu de aumentos de 3,65% nos preços dos bens e serviços monitorados<sup>3</sup> e de 6,56% nos preços livres, ante 6,20% e 6,63%,

3/ Entende-se por preços monitorados aqueles que são direta ou indiretamente determinados pelos governos federal, estadual ou municipal. Em alguns casos, os reajustes são estabelecidos por contratos entre produtores/fornecedores e as agências de regulação correspondentes, como nos casos de energia elétrica e de telefonia fixa.

**Quadro 1.17 – Participação de itens no IPCA em 2012**

Variação percentual

Itens	IPCA				
	Pesos <sup>1/</sup>	Variação acumulada em 2011	Variação acumulada em 2012	Contribuição acumulada em 2012	Participação no índice <sup>2/</sup>
IPCA	100,00	6,50	5,84	5,84	5,84
Alimentação fora do domicílio	8,09	10,47	9,51	0,77	13,18
Empregado doméstico	3,66	11,38	12,73	0,47	7,98
Aluguel	3,78	11,00	8,95	0,34	5,80
Alimentos <i>in natura</i>	1,86	8,08	17,43	0,32	5,54
Cursos	2,87	8,09	8,35	0,24	4,11
Recreação	3,06	5,89	7,32	0,22	3,83
Cigarro	0,86	4,75	25,48	0,22	3,76
Arroz	0,54	-5,08	36,67	0,20	3,41
Mão de obra	1,38	9,55	11,57	0,16	2,73
Panificados	1,81	5,07	8,76	0,16	2,71
TV, som e informática	0,86	-11,26	-7,12	-0,06	-1,05
Automóvel usado	1,59	-3,71	-10,68	-0,17	-2,91
Automóvel novo	3,41	-2,87	-5,71	-0,19	-3,33

Fonte: IBGE

1/ Média de 2012.

2/ Corresponde à divisão da contribuição acumulada no ano pela variação anual.

**Quadro 1.18 – Participação dos grupos no IPCA em 2012**

Variação percentual

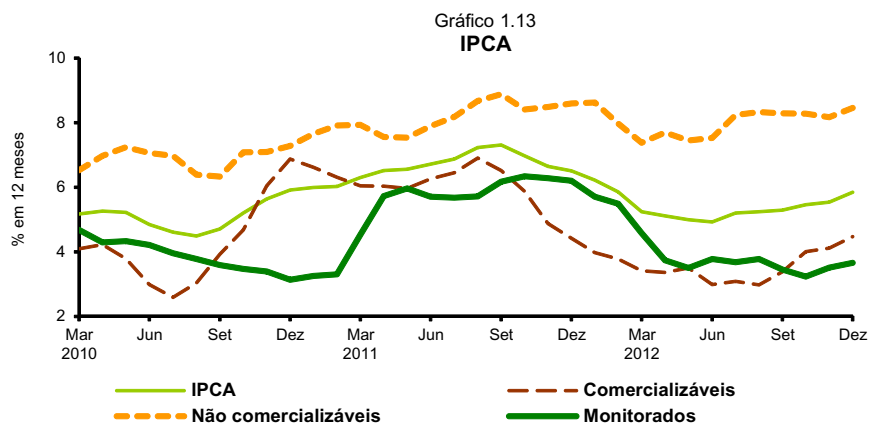
Grupos	IPCA				
	Pesos <sup>1/</sup>	Variação acumulada em 2011	Variação acumulada em 2012	Contribuição acumulada em 2012	Participação no índice <sup>2/</sup>
IPCA	100,00	6,50	5,84	5,84	100,00
Alimentação e bebidas	23,40	7,18	9,86	2,28	39,03
Habitação	14,72	6,75	6,79	0,99	16,92
Artigos de residência	4,56	0,00	0,84	0,04	0,65
Vestuário	6,60	8,27	5,79	0,38	6,47
Transportes	20,02	6,05	0,48	0,09	1,63
Saúde e cuidados pessoais	11,15	6,32	5,95	0,66	11,23
Despesas pessoais	10,17	8,61	10,17	1,02	17,50
Educação	4,52	8,06	7,78	0,35	5,95
Comunicação	4,85	1,52	0,77	0,04	0,63

Fonte: IBGE

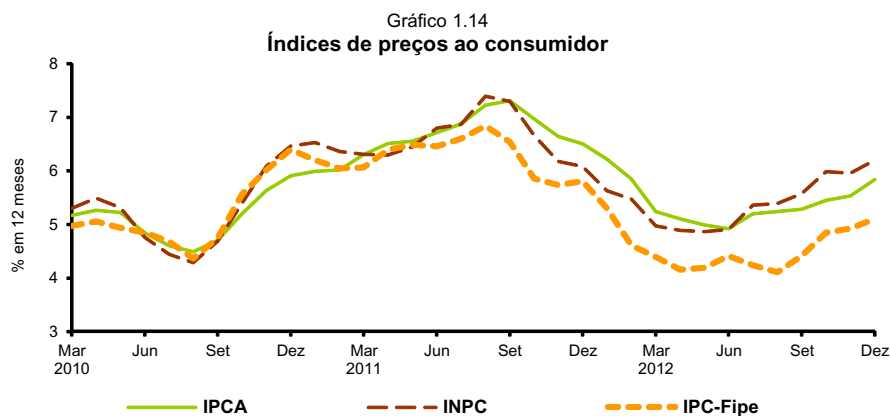
1/ Média de 2012.

2/ Corresponde à divisão da contribuição acumulada no ano pela variação anual.

respectivamente, no ano anterior. Destaque-se, dentre os itens monitorados, a moderação na variação dos preços da gasolina e das tarifas de ônibus urbano, enquanto a variação dos preços livres foi impulsionada pela maior elevação nos preços dos alimentos, em especial arroz, farinha de mandioca e alimentos *in natura*.



O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), calculado pelo IBGE, que considera a cesta de consumo de famílias com rendimento mensal de 1 a 6 salários mínimos, cresceu 6,20%, ante 6,08% em 2011. O IPC calculado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe<sup>4</sup>) variou 5,10% em 2012, ante 5,81% no ano anterior.



4/ Para famílias com rendimento entre um e vinte salários mínimos na cidade de São Paulo.



## Preços monitorados

Os preços monitorados aumentaram 3,65% em 2012, respondendo por 0,88 p.p. da variação do IPCA no ano. As maiores variações ocorreram nos itens gás encanado, 9,28%; taxa de água e esgoto, 8,84%; gás veicular, 7,88%; plano de saúde 7,76%; correio, 6,92%; ônibus intermunicipal, 6,36%; óleo diesel, 6,30%; ônibus interestadual, 5,76%; pedágio, 5,55%; ônibus urbano, 5,26%; e gás de bujão, 4,87%.

Os valores dos planos de saúde, regulados pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), aumentaram 7,76% em 2012, com impacto de 0,23 p.p. sobre o IPCA, variando de 7,35%, em Porto Alegre, a 7,90%, em Recife. As tarifas de ônibus urbano aumentaram 5,26% em 2012, exercendo contribuição de 0,14 p.p. para a variação anual do IPCA, com os maiores reajustes ocorrendo em Salvador, 12,00%; Rio de Janeiro e Belém, 10,00%; Belo Horizonte, 8,17%; e Goiânia, 8,00%. Em Brasília, Fortaleza e São Paulo não houve reajuste em 2012. A alta de 8,84% na tarifa de taxa de água e esgoto representou 0,13 p.p. do aumento do IPCA, registrando-se elevações mais acentuadas em Curitiba, 16,52%; Rio de Janeiro, 13,84%; Salvador, 12,80%; Brasília, 11,17%; e Belo Horizonte, 10,73%.

A média dos reajustes das tarifas de energia elétrica, que recuou em quatro das onze regiões abrangidas pelo IPCA, situou-se em 2,93%, contribuindo com 0,10 p.p. para a variação anual do IPCA. Regionalmente, a variação da tarifa da energia elétrica apresentou

### Quadro 1.19 – Principais itens na composição do IPCA em 2012

Variação percentual

Discriminação	IPCA			
	Pesos <sup>1/</sup>	Variação acumulada em 2011	Variação acumulada em 2012	Contribuição acumulada em 2012
Índice (A)	100,00	6,50	5,84	5,84
Preços livres	75,66	6,63	6,56	4,96
Preços monitorados	24,34	6,20	3,65	0,88
Itens monitorados – Selecionados				
Ônibus urbano	2,75	8,44	5,26	0,14
Plano de saúde	3,08	7,54	7,76	0,23
Energia elétrica	3,36	3,97	2,93	0,10
Remédios	3,48	4,39	4,11	0,14
Gasolina	3,97	6,92	-0,39	-0,02
Ônibus intermunicipal	0,74	5,90	6,35	0,05
Taxa de água e esgoto	1,51	8,30	8,84	0,13
Telefone fixo	1,49	0,24	-1,59	-0,02
Gás de botijão	1,11	1,97	4,87	0,05

Fonte: IBGE

1/ Média de 2012.

comportamento distinto, recuando 11,62% em Fortaleza e expandindo 26,06% em Goiânia. Os preços da gasolina recuaram 0,39% em 2012, ante alta de 6,92% no ano anterior, com os reajustes variando de -6,40% em Goiânia a 6,41% em Curitiba.

## Núcleos

Repetindo o comportamento do índice cheio, os cinco índices de núcleos de inflação do IPCA calculados pelo Banco Central desaceleraram em 2012, ressaltando-se que apenas uma medida registrou variação anual superior à do índice cheio.

### Quadro 1.20 – Preços ao consumidor e seus núcleos em 2012

Variação percentual Discriminação	2011	2012		
		1º sem	2º sem	No ano
IPCA (cheio)	6,50	2,32	3,44	5,84
Exclusão	6,68	2,52	3,27	5,88
Exclusão sem alimentos no domicílio e monitorados	6,96	2,23	3,26	5,56
Médias aparadas com suavização	6,67	2,54	3,02	5,63
Médias aparadas sem suavização	5,67	2,04	3,01	5,10
Dupla ponderação	6,95	2,36	3,38	5,82
IPC-Br	6,36	2,83	2,82	5,73
Núcleo IPC-Br	5,51	2,36	2,39	4,81

Fontes: IBGE e FGV

O núcleo por médias aparadas com suavização cresceu 5,63%, ante 6,67% em 2011, enquanto o núcleo por médias aparadas sem suavização variou 5,10%, ante 5,67%. O núcleo de dupla ponderação<sup>5</sup> apresentou variações respectivas de 5,82% e 6,95%, e a variação do núcleo por exclusão, que exclui as variações dos preços de dez itens<sup>6</sup> do subgrupo alimentação no domicílio e dos itens combustíveis domésticos e veículos, atingiu 5,88% em 2012, ante 6,68% no ano anterior. O núcleo que exclui os preços da alimentação no domicílio e os monitorados variou 5,56%, ante 6,96% em 2011.

A variação do núcleo do IPC, calculado pela FGV pelo método de médias aparadas com suavização, passou de 5,51%, em 2011, para 4,81%, em 2012, situando-se em patamar inferior à elevação de 5,74% do IPC.

5/ Esse núcleo é calculado reponderando-se os pesos originais – baseados na importância de cada item para a cesta do IPCA – pelos respectivos graus de volatilidade relativa, resultando em menor representatividade para o comportamento do indicador, os componentes mais voláteis.

6/ Os dez itens são: Tubérculos, raízes e legumes; Cereais, leguminosas e oleaginosas; Hortaliças e verduras; Frutas; Carnes; Pescados; Açúcares e derivados; Leites e derivados; Aves e ovos; e Óleos e gorduras.